

SÁBATO ANTÔNIO MAGALDI

MEMORIAL

São Paulo
1987

SÁBATO ANTÔNIO MAGALDI

M E M O R I A L

apresentado ao concurso para provimento de um cargo de Professor Titular junto ao Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no conjunto de disciplinas CAC-211 "Teatro Brasileiro I" e CAC-212 "Teatro Brasileiro II".

Indicando
Lea Vinícius Freitas
segundo
A. C. de Melo.
1987

Dados pessoais

Nasci em Belo Horizonte, em 9 de maio de 1927, filho de José Magaldi e Elvira Pazzini Magaldi. Casado com a escritora Edla van Steen, sou portador dos seguintes documentos de identificação:

1. Cédula de Identidade RG nº 3.844.025, expedida pelo Serviço de Identificação da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, em 10 de fevereiro de 1966;

2. Título Eleitoral nº 1597975201-75, Zona 346, Seção 0056, do município de São Paulo, emitido em 18 de setembro de 1986;

3. CIC nº 007399368/91.

I - Ponderações

É de supor-se que, ao redigir o Memorial exigido em concurso para provimento de um cargo de Professor Titular, o candidato procure relatar a sua atividade de forma que a Comissão Julgadora não tenha dúvidas quanto ao merecimento. Se ele não valoriza a própria contribuição, justificando o acesso a posto tão honroso, por que outros haveriam de fazê-lo?

Este preâmbulo me obriga a afirmar, desde logo, que a aspiração ao cargo de Professor Titular junto ao Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no conjunto de disciplinas CAC-211 "Teatro Brasileiro I" e CAC-212 "Teatro Brasileiro II", é decorrência natural de quem galgou os postos anteriores da carreira universitária. Sei, também, que o magistério é a paixão maior dos múltiplos trabalhos que desenvolvi. Mas, tendo completado sessenta anos e com tempo para aposentar-me, se não devesse compensar os dois anos em que lecionei na Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle), sinto que deveria enumerar simplesmente minha produção ou fazer uma sincera autocrítica. Os demônios me aconselham a segunda postura.

Talvez por excesso de ambição intelectual, alimentada por modelos muito exigentes, não consigo ter a melhor imagem do que pude realizar. Vejo-me permanentemente presa da luta pela sobrevivência, esfalfando-me desde os vinte e um anos de doze a dezesseis horas diárias, para estudar um pouco e escrever artigos e livros apressados, sem o ócio necessário, que propiciaria o resultado artístico duradouro. Certo, apesar de tudo, de que pertença a um pequeno círculo de privilegiados, num país que votou a grande maioria do povo à escravidão, não consigo aceitar que a relativa segurança financeira tenha sido alcançada à custa de pesados sacrifícios. Estrangulavam os donos da política econômica os nossos salários e eu me obrigava a sofrer mais um emprego.

A dificuldade para um correto encaminhamento profissional existiu desde o início. Pertencendo, desde os dezesseis anos, a um grupo literário que, em Belo Horizonte, publicou os quatro únicos números da revista Edifício (1946), seria natural que, terminado o colégio, eu me inscrevesse na incipiente Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, para estudar Letras. Mas o próprio diretor da Escola, meu parente Braz Pellegrino, me desaconselhou a matrícula, porque, além das explicáveis deficiências do ensino, formado eu

não conseguiria trabalho. Por exclusão, cursei a Faculdade de Direito, na esperança de obter, um dia, um pacato emprego público, destino então comum dos intelectuais desejosos de dedicar-se à literatura.

Transferindo-me em 1948 para o Rio de Janeiro, graças à generosidade do escritor Cyro dos Anjos, diretor do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, ocupei logo o cargo de chefe de Gabinete e depois de chefe de Divisão, para finalmente ingressar na carreira de Procurador. Paulo Mendes Campos cedeu-me o lugar de crítico teatral do Diário Carioca, autorizado pelo secretário do matutino, o também crítico Roberto Brandão, pseudônimo do hoje senador Pompeu de Souza. Disse ele que, se eu vinha de Minas, sabia escrever, e começasse a coluna naquele dia mesmo, em junho de 1950.

Ciente de minhas deficiências teóricas, plei-teei bolsa de estudos da Embaixada Francesa, com o aval de Murilo Mendes, Aníbal Machado e Roberto Alvim Corrêa. Contemplado para o ano letivo de 1951-1952, só pude gozar a bolsa em 1952-1953, por motivos familiares. A Sorbonne deu-me um Certificado de Estética, para o qual era exigida aprovação também nas disciplinas Psicologia e História da Arte (Moderna). Para o Diário Carioca, escrevia quatro crônicas semanais.

Nunca tive coragem de dizer a Etienne Souriau, meu excelente professor de Estética e autor de livros fundamentais como A Correspondência das Artes e Les deux-cent mille situations dramatiques, que já era crítico de teatro.

Foi em Paris que adquiri consciência das possibilidades plenas do palco. Tive a sorte, naquela temporada, de acompanhar uma dezena de espetáculos do Teatro Nacional Popular, dirigido por Jean Vilar e com Gérard Philippe como primeiro ator. Passei a entender o teatro como serviço público. E conheci também os primeiros textos de Samuel Beckett e Ionesco, familiarizando-me com a linguagem da vanguarda. A pedido de Alfredo Mesquita, cheguei a reunir três encenadores dessa linha - Roger Blin, Jean-Marie Serreau e Jacques Mauclair -, que trariam a São Paulo, para as comemorações do IV Centenário, em 1954, seis espetáculos, entre os quais Esperando Godot, A Cantora Careca e A Lição, e O Eterno Marido. O corte das verbas previstas para os festejos frustrou a iniciativa.

Durante a estada parisiense, Alfredo Mesquita convidou-me para substituir Paulo Mendonça, que dirigiria um setor da UNESCO, na disciplina de História do Teatro, na Escola de Arte Dramática de

São Paulo. Era essa a oportunidade que eu esperava, para realizar o que acreditava ser minha vocação autêntica. De regresso ao Brasil, em setembro de 1953, fiquei no Rio o tempo necessário apenas para providenciar a mudança e a transferência no serviço burocrático. Alfredo Mesquita indicou-me a Paulo Duarte para eu assumir a crítica da revista Anhembi, na ausência de Paulo Mendonça, e conseguiu de seu sobrinho Júlio de Mesquita Neto um lugar de redator de O Estado de S. Paulo, com o qual eu complementaria o parco salário de docente de um estabelecimento privado, por ele mantido a duras penas.

Não foi fácil a adaptação a São Paulo. Durante cerca de seis meses, saía do jornal perto de uma hora da madrugada, de segunda a sábado. Diariamente, incumbia-me da primeira aula na EAD, das 19 hs. 30 às 20 hs. 30. Estudava um tema e o transmitia de imediato aos alunos, sem sedimentar o novo conhecimento. Logo me desentendi com Paulo Duarte, deixando a colaboração na revista. A vida estava muito mais cara que um ano antes, a EAD atrasava o pagamento, eu não via sentido em viver numa cidade, para a qual havia sido convidado, em situação muito pior do que no Rio de Janeiro.

Consciente dos problemas que eu enfrentava,

Alfredo Mesquita procurou, generosamente, minorá-los, criando em 1955 a revista Teatro Brasileiro, em que exerci as funções de redator-chefe e de crítico. A publicação, que seria mensal, não passou de nove números, estendidos por mais de um ano. Lamentei a inviabilidade comercial da revista, porque ela prestaria grandes serviços ao teatro e, apesar da efêmera duração, se tornou referência bibliográfica obrigatória em vários tópicos.

Nesse tempo, adequara-se meu trabalho no Estado. De primeiro repórter do jornal, atuando no período vespertino, transferi-me para a Página de Arte, onde criei uma seção informativa diária de Teatro. De 1954 a 1972, quando encerrei essa colaboração, acredito que forneci aos leitores o mais completo painel da atividade cênica em São Paulo, entrevistando dramaturgos, encenadores e intérpretes. Há ali valioso repositório de documentos sobre o ideário do teatro paulista e brasileiro.

Devo a Décio de Almeida Prado a fase mais fecunda de minha produção intelectual. Diretor do Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo, ele me convidou para redigir, desde o primeiro número, em agosto de 1956, a seção de Teatro. Como ele fazia, brilhantemente, a crítica dos espetáculos no

jornal, era-me reservada a tarefa de tratar de outros temas - a obra completa de dramaturgos, problemas estéticos e econômicos do palco, orientação de companhias e personalidades, novos textos do repertório internacional e brasileiro. Durante alguns anos, li e escrevi cerca de dez horas diárias, com extraordinário prazer.

A existência do Suplemento, entretanto, foi minada por críticas injustas, que se refletiram na atitude dos diretores do jornal. Se, a princípio, os artigos faziam jus a um pagamento inédito na imprensa brasileira, representando expressiva complementação para os colaboradores permanentes, não se observou o reajuste concedido aos salários. Aos poucos, minguou a retribuição financeira. Em 1960, faltavam-me condições de dedicar aos artigos o mesmo tempo do início. Escrevia somente se tinha muito empenho em tratar de um assunto. Melancólica decepção, que me frustrou demais. Como saldo positivo, o Suplemento me deu material para dois livros - Temas da História do Teatro e Aspectos da Dramaturgia Moderna -, e vários outros ainda podem ser extraídos dele.

Quando chefe do Departamento Cultural do Itamarati, o hoje embaixador Lauro Escorel plane-

jou divulgar, no estrangeiro, nossa arte e cultura. Fui convidado para redigir uma síntese do teatro brasileiro, que não deveria ultrapassar, se bem me lembro, setenta páginas. Empolguei-me com a tarefa e, ao invés de ater-me aos limites da encomenda, escrevi o Panorama do Teatro Brasileiro, que, por motivos óbvios, foi publicado apenas em português, em 1962. O grande número de leituras acumuladas levou-me a criar, naquele mesmo ano, na Escola de Arte Dramática, a disciplina de Teatro Brasileiro.

A esperança numa estabilidade econômica me animava à maior dedicação ao preparo de livros. Após publicar Temas da História do Teatro e Aspectos da Dramaturgia Moderna, aproveitando na quase totalidade de material já divulgado no Suplemento Literário, aceitei nova encomenda: um livro de Iniciação ao Teatro, editado em 1965. O golpe militar de 1964 já confiscara, a essa altura, meu vencimento de Procurador, e o arrocho salarial reduzia progressivamente os ganhos no Estado. Em 1966, a criação do Jornal da Tarde, de que me tornei crítico desde o primeiro número, representou uma saída para a crise, embora com imenso sacrifício, pois estava encarregado também de fazer noticiário diferente para os dois jornais. Se não fosse a necessidade, eu não teria suportado o trabalho

no Jornal da Tarde. Frequentemente, redigia um comentário de trinta e cinco, quarenta ou cinquenta linhas, e às 23 horas, telefonavam da redação para minha casa, pedindo que eu cortasse cinco, oito ou dez linhas, ou acrescentasse igual número. Para quem estava acostumado ao Suplemento, era a total abdicação do critério de seriedade. Hoje fico feliz com o estoicismo da primeira fase, porque não poderia haver mais simpático local de convívio. Colegas excelentes, direção admirável dos cadernos do Divirta-se e do Sábado - tudo o que transforma as tarefas cotidianas em prazer. Se eu não estivesse cansado com trinta e sete anos de jornalismo, tendo quadruplicado o número de estréias, em relação à década de cinquenta, continuaria indefinidamente a pertencer ao corpo de funcionários do Jornal da Tarde.

Para a minha atividade intelectual, a segunda metade dos anos sessenta registrou outro acontecimento importante: a fundação da Escola de Comunicações Culturais, depois denominada Escola de Comunicações e Artes. Com absoluta justiça, Julio Garcia Morejón convidou Alfredo Mesquita para lecionar Introdução ao Teatro. Fui o segundo professor convidado a atuar, nessa área. Mais especificamente, ensinaria História do Teatro Universal. Era essa a o-

portunidade para desvencilhar-me do cargo de Procurador. Eu me licenciaria, ficando apenas na Escola, como Professor Colaborador MS-4, recebendo cerca de 50% mais que no Instituto. Sancionou-se, porém, a Lei nº 5.413, de 10 de abril de 1968, que impedia um servidor de licenciar-se, para ocupar outra função pública. Pedi que se suspendesse a tramitação do meu contrato na USP e dei aulas de graça o ano inteiro de 1968, como conferencista, pois a Escola e os alunos não poderiam ser prejudicados por um problema particular meu. Mais tarde, Antônio Guimarães Ferri me ofereceu a disciplina de Legislação Teatral, que facultaria a acumulação regular com o cargo de Procurador, sem o impedimento de colaborar em outras matérias.

Por incrível que pareça, agora sou grato àquela lei inesperada, que adiou minha entrada na Escola. De lá para cá, só houve, da parte dos sucessivos Governos, desprestígio à função de professor. Na Procuradoria, eu já havia alcançado o mais alto nível, no momento de iniciar-me na USP, que me pagaria salário muito superior. Depois defendi a tese de doutoramento, fiz a livre-docência e o concurso de adjunção. Aposentado como Procurador desde 1981, meus proventos representam o dobro do que me remunera a Universidade. O confisco salarial na carreira univer-

tária foi muito mais grave do que em qualquer outro setor.

Apesar dessa queixa legítima, que é de todo o corpo docente, sou obrigado a reconhecer que a ECA me propicia a melhor realização intelectual, pelo gosto que tenho de lecionar e pela necessidade de sistematizar e atualizar os conhecimentos. Sem pertencer aos quadros da USP, provavelmente eu não teria feito a pesquisa que me levou a defender na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, de início sob a orientação de José Aderaldo Castello e depois de Décio de Almeida Prado, a tese intitulada "O Teatro de Oswald de Andrade" (ainda não a publiquei, por falta de tempo para reescrever certas observações). E não me teria submetido ao concurso de livre-docência, cuja tese, "Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações", decidi finalmente editar. Eu preferiria aguardar o término da publicação do Teatro Completo do autor de Vestido de Noiva, do qual apareceram três dos quatro volumes previstos, por mim organizados e prefaciados. Mas, sem garantia de uma data para o término da edição, temi que o capítulo sobre as encenações rodriguianas, que se têm multiplicado nos últimos anos, se tornasse obsoleto. Daí o livro, que eu gostaria de divulgar so

mente depois dos prefácios do Teatro Completo.

Quatro anos como o primeiro secretário municipal de Cultura de São Paulo, de abril de 1975 a julho de 1979, tumultuaram muito minha realização pessoal, não obstante a honraria do cargo e o serviço prestado à comunidade. Parece haver um consenso de que essa, depois que Mário de Andrade esteve à frente do Departamento de Cultura, foi a mais bem sucedida administração nesse campo específico. Não é esta a oportunidade para a análise dos princípios que nortearam a Secretaria, nem para discutir seus frutos. Cabe-me dizer apenas que, embora eu tivesse continuado normalmente o trabalho de professor na Escola, sem perder uma aula, não imprimi à elaboração da tese de livre-docência o ritmo desejável. Nomeado, quase simultaneamente, membro do Conselho Federal de Cultura, aproveitava as idas mensais ao Rio de Janeiro para esclarecer dúvidas com Nelson Rodrigues. De nossos sucessivos encontros resultou o convite que o dramaturgo me fez para organizar de forma diferente da cronológica a edição de seu Teatro Completo, escrevendo para cada uma das dezessete peças alentado prefácio. Antes de falecer, em dezembro de 1980, ele aprovou meu critério. Não chegou, contudo, a ler uma única linha do que redigi.

Sob o prisma pessoal, a permanência num cargo público absorvente foi para mim desastrosa. Reduzi a leitura, deixei de acompanhar, durante quatro anos, as publicações que, em épocas normais, não passariam de rotina. Praticamente eu só lia os textos criticados no jornal, na tarefa de comentarista de teatro, que não abandonei. Estafado, custei um pouco, depois, a retomar o hábito do estudo em profundidade. E, adepto de ética intransigente, nem movimentei as verbas orçamentárias de representação, onerando meu bolso com essas despesas. A consequência, que admito estúpida, foi pagar durante um ano as dívidas contraídas quando secretário.

Para qualquer professor, lecionar na Sorbonne é sem dúvida muito honroso. Sou eternamente grato àqueles que me proporcionaram a experiência. O convite que recebi, para ensinar no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Paris III, no ano letivo de 1985-1986, prendia-se a duas circunstâncias: em mais de trinta anos de colaboração de professores associados, nunca dera aulas, ali, um suposto especialista em teatro; e, no programa do concurso nacional de Agregação, figuravam Gota d'Água, de Paulo Pontes e Chico Buarque de Hollanda, e A Guerra Santa e A Estátua, pe-

ças do dramaturgo português Luís de Sttau Monteiro. Consultaram-me sobre a possibilidade de tratar também deste último, fora das obrigações normais. Por felicidade, eu conhecia bem o teatro de Sttau Monteiro, e o brio nacional me compeliu a caprichar particularmente nesse curso.

Era minha intenção passar apenas um ano em Paris. Consultado, declinei de nova nomeação. Em dezembro de 1985, indo a um congresso em Aix-en-Provence, recebi convite para permanecer lá no ano letivo seguinte. Expliquei que já havia recusado retornar à Sorbonne, em virtude dos compromissos que me prendiam ao Brasil.

Acontece que, por motivos que não chegaram ao meu conhecimento, não foi indicado no prazo o professor português que me substituiria no Instituto parisiense. Os colegas assustaram-se com a situação: havia o risco de posto tão cobiçado ser transferido para outro setor, perdendo-se em definitivo a colaboração de um visitante; e o trabalho curricular, sobretudo na Agregação, se acrescentaria aos encargos já pesados de alguns. Se eu me dispusesse a ficar mais um ano, quem sabe a candidatura, mesmo fora do prazo, seria aceita... Corri a preencher uns papéis e, no dia seguinte, meu nome estava aprovado pelo

Conselho Superior das Universidades. Fato consumado.

Pode parecer estranho que me desinteressasse de prolongar a estada em Paris. As razões são múltiplas: a distância da família e dos amigos, o desligamento forçado do cotidiano teatral brasileiro (matéria-prima do meu trabalho), o horror que é para um estrangeiro regularizar seus papéis na França (mesmo se nomeado pelo Governo), as dificuldades domésticas, o pouco estímulo (no meu caso) do movimento cênico e os problemas quase intransponíveis para acompanhá-lo, e a passagem inevitável de produtor a consumidor cultural, numa idade em que o objetivo principal é o de devolver aquilo que armazenamos.

Há mais de trinta anos, a França foi essencial para minha formação. Talvez porque hoje eu não seja tão jejuno, estes dois últimos anos não me trouxeram nenhum alimento indispensável. Num certo sentido, devo admitir até uma certa decepção com Peter Brook, Giorgio Strehler, Arianne Mnouchkine, Ingmar Bergman e outros monstros sagrados. Só me emocionei profundamente com o espetáculo Qu'ils crèvent les artistes, do polonês Tadeusz Kantor. Na Europa gastam-se verdadeiras fortunas nos espetáculos em geral fartamente subsidiados, com rendimento artístico discutível. Distante, assisti a tudo isso, convicto de

que esse caminho em nada pode aproveitar à realidade brasileira.

Levei para Paris a metade de um ensaio, escrita nos meses anteriores à viagem. Em dois anos, não lhe acrescentei uma linha. Tudo o que produzi na Europa foram comentários semanais sobre os espetáculos vistos, umas comunicações em colóquios e uns tantos prefácios. Muito pouco, para quem dispõe de seis livros quase prontos e não consegue finalizá-los, por falta de tempo. São eles: O Teatro de Oswald de Andrade, Cem Anos de Teatro em São Paulo (de parceria com Maria Thereza Vargas), Moderna Dramaturgia Brasileira, segunda série de Temas da História do Teatro, segunda série de Aspectos da Dramaturgia Moderna e Periodização do Teatro Brasileiro Moderno. Quem sabe, aos poucos, aposentado no jornal e dedicando-me apenas à Universidade, eu consiga concluí-los.

Mantenho a dúvida porque sou hoje muito cético em relação ao trabalho universitário. Acabamos por formar uma casta, desligada do mundo. Um diplomado, que tenha merecimento, começa a vida profissional com salário incomparavelmente mais alto que o de professor. Quem se dedica ao magistério é obrigado a seguir exigente curso de pós-graduação e a desgastar-se

em sucessivas provas: dissertação de Mestrado, tese de Doutorado, tese de Livre-docência, memorial para Adjunção, memorial para concurso de Professor Titular, e até mesmo uma aula pública... O docente se sobrecarrega para adquirir alguma autoridade na sua disciplina, ao longo de penosos estudos. E, quando se sente mais seguro para dialogar com os alunos, orientá-los na pós-graduação e consolidar uma produção didática em livros, a burocracia ameaça engoli-lo.

O professor foi preparado para o ensino e o desviam para tarefas administrativas, com as quais normalmente não sabe lidar. O louvável empenho democrático multiplica as reuniões, que roubam o tempo disponível. A promoção na carreira se transforma em castigo, sendo necessário pedir desculpas, se não se deseja uma chefia. Para mim, o sistema universitário vigente aperfeiçoou o universo kafkiano. Não seria muito mais econômico, sob o prisma do investimento, deixar os professores em paz com as aulas e a orientação dos alunos, e contratar administradores, formados pela própria Universidade? Não poderão convencer-me de que não estou a proclamar o óbvio ululante... Evidentemente, não se deveria fechar o caminho aos que gostam de administrar e têm comprovada capacidade.

Resta-me explicar porque decidi prestar concurso nas disciplinas Teatro Brasileiro I e Teatro Brasileiro II, se as conveniências departamentais me ligaram mais, na graduação, a Crítica Teatral e a Ética, Legislação e Produção Teatrais. Na verdade, desde que tomei a iniciativa de lecionar Teatro Brasileiro na Escola de Arte Dramática de São Paulo, não como simples capítulo da História do Teatro Universal, fui preparando vários discípulos, capazes de conduzir a disciplina. Do professor de Legislação se exige que tenha preparo jurídico, além de que, no meu caso particular, era a maneira de permitir que acumulasse o magistério com o cargo de Procurador. Quanto à disciplina de Crítica, recomenda-se que o docente tenha militância na imprensa, para tornar mais vivo o aprendizado. E, por último, entendendo que essas várias disciplinas ajudam o conhecimento do Teatro Brasileiro.

Seria mais adequado dizer Teatro no Brasil, ao invés de Teatro Brasileiro. Porque a montagem de um clássico bem traduzido, seja qual for a língua original, se incorpora ao nosso palco. A visita de uma companhia estrangeira de qualidade passa a contar também na nossa História, fecundando-lhe o itinerário. Estarei afirmando novo truísmo, se lembrar que o i-

deal será a abolição de quaisquer fronteiras.

Nem sempre pensei assim. Diferente era a conjuntura histórica. Os elencos desprezavam a dramaturgia brasileira. O público prestigiava apenas a peça alienígena, pertencesse ela a qualquer gênero. A mentalidade dos responsáveis pelas companhias era inteiramente colonizada. Observando, no dia-a-dia, o verdadeiro imperialismo cultural aqui exercido, liguei-me abertamente aos que lutaram para vencê-lo. Participei da fundação do Seminário de Dramaturgia do Teatro de Arena e, como crítico, não permiti fosse relegado a segundo plano o repertório nacional. Essa política se mostrou vitoriosa, a partir de fins da década de cinquenta. Desapareceu o complexo de inferioridade em relação ao texto brasileiro. Ao contrário, a platéia se identifica naturalmente com ele.

Superado o estágio de colonização, compete-nos pensar em termos internacionais. Quando nosso palco teimou, depois, em claudicar em nacionalismo pedestre, reclamei a montagem de clássicos. E um teatro vivo precisa exhibir tudo o que se produz no mundo. Nesse ponto, apreciei a orientação do teatro francês. Entregaram ao inglês Peter Brook a direção de um Centro Internacional de Criações Teatrais. O italiano

Giorgio Strehler dirige o Théâtre de l'Europe, com sede no antigo Odéon, sem perder a condição de mentor do Piccolo Teatro milanês. O alemão Grüber é convidado para encenar na Comédie Française. Os argentinos Alfredo Arias, Jorge Lavelli e Jérôme Savary comandam organizações estatais, com polpudas verbas. A França não teme ser ocupada pela Argentina... É em Paris a sede internacional do Teatro do Oprimido, do brasileiro Augusto Boal.

Se, em vários livros, examinei autores estrangeiros, não foi vezo de erudição, mas a certeza de que, por múltiplos motivos, eles se vinculavam ao palco nacional. Ou seu nome se prendia a uma estréia, ou a uma influência detectável em nosso panorama. Alargar os horizontes brasileiros sempre me pareceu recomendável.

Neste balanço, não posso desobrigar-me da tarefa de avaliação do que produzi. Sei que os artigos enfeixados em Temas da História do Teatro e Aspectos da Dramaturgia Moderna padecem do caráter circunstancial de sua origem na imprensa. O Cenário no Averso (Gide e Pirandello) é o resultado das teses subsidiárias, respectivamente em Literatura Francesa e Estética, do concurso de Doutorado. No ensaio sobre o dramaturgo italiano há o germe de uma

análise que mereceria ser desenvolvida - princípios estéticos desentranhados das peças de Pirandello sobre o teatro. O problema de Édipo, em Gide, reclamaria estudo mais minucioso do mito e da tragédia sofocliana. Considerando a pobreza da nossa bibliografia especializada, esses trabalhos tornam-se eventualmente úteis.

Iniciação ao Teatro apresenta a virtude, talvez, de introduzir o leitor em todos os domínios do palco, do estético ao econômico. O livro, por esse motivo, tem sido adotado nos cursos de arte cênica. Seu limite se prende sobretudo ao caráter de iniciação, quando o tema pede verdadeiro tratado. Gastas as idéias na síntese, fica muito difícil retornar depois ao assunto, para uma análise de fôlego.

Três livros tratam especificamente de temas nacionais: Panorama do Teatro Brasileiro, Um Palco Brasileiro (O Arena de São Paulo) e Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações. Após indispensável revisão, ampliarei essa bibliografia, com os títulos anteriormente mencionados. Já me preparo, aos poucos, para um estudo mais ambicioso: a análise da obra dramática de Arthur Azevedo, tentando discutir a situação do nosso teatro nas últimas décadas do século XIX e princípio deste. Aproveitei a estada em Paris,

inclusive, para fazer algumas pesquisas imprescindíveis.

Um Palco Brasileiro (O Arena de São Paulo) ficou preso às limitações impostas pela coleção "Tudo É História", da Brasiliense, em que se inseriu. Ainda que eu tivesse ultrapassado o espaço regulamentar, deixei apenas indicadas muitas idéias, que precisariam ser desenvolvidas. Perdi também o estímulo de retomar o tema.

Vem obtendo repercussão inesperada Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações. Não vou negar que fiquei muito desvanecido com a acolhida ao livro. Permito-me achá-la exagerada, fruto de um reconhecimento tardio, possivelmente, da importância do dramaturgo, e do empenho de aplaudir o que se relacione a ele. No íntimo, sei que, se fosse menos dispersivo, concentrando-me efetivamente na elaboração do trabalho, ele seria bem melhor.

Com Panorama do Teatro Brasileiro, só agora estou em paz. O tumulto em que o compus explica muitas de suas lacunas e insuficiências. De positivo, o livro apresentava o primeiro painel da dramaturgia nacional, levantado até a publicação, em 1962. Esgotado, consenti uma reimpressão. Vários editores pediram que o atualizasse, porque estaria fazendo falta

à bibliografia especializada. Mais de uma vez, senti-me tentado, a ponto de reler o primeiro capítulo. Não consegui ultrapassá-lo, nunca. E o problema agravou-se, com a descoberta das peças de Qorpo Santo, a revalorização que eu mesmo fiz da dramaturgia de Oswald de Andrade, a publicação em curso do Teatro Completo de Arthur Azevedo, e, entre outros, os estudos de Décio de Almeida Prado sobre João Caetano e de João Roberto Faria sobre José de Alencar. Diante disso, resolvi em definitivo sepultar o livro. Estou aliviado. As numerosas teses universitárias, que vão ampliando seriamente o conhecimento de nossos valores, servirão de suporte para que alguém escreva, em breve, uma sólida História do Teatro Brasileiro.

No relato da trajetória intelectual, falta-me precisar algumas questões. Pertencço a uma geração que desejava, de início, marcar o palco por meio da boa literatura dramática. Horrorizavam-me as comédias de boulevard, as chanchadas, o desrespeito ao texto. Eu vinha de um grupo literário, temperado em rígidas exigências. Por isso o apoio às manifestações renovadoras, que relegaram ao passado a idolatria dos astros.

Mais tarde, convenci-me da autonomia da arte cênica, em que a literatura é apenas um de seus

elementos. Absorvi as várias fases pelas quais passou o nosso teatro, reconhecendo-lhes a necessidade e o posterior esgotamento: a idéia de equipe, primazia do repertório nacional, salutar influência de Brecht, importância da expressão corporal, criação coletiva, fundamento do teatro pobre de Grotóvski, surto do tropicalismo, uso da metáfora para fuga à Censura, experimentalismo como arma contra as imposições comerciais, a perplexidade em face da aventura criadora. Enquanto crítico, tentei vencer o impressionismo, em função de estudo mais científico, nutrido das conquistas das modernas teorias. Tudo somado, resta a experiência de todos estes anos de observação e de amor pelo teatro.

Observação e amor que sempre procurei transmitir aos alunos.

II - Formação

Fiz o curso primário na Escola Italiana de Belo Horizonte, hoje Grupo Escolar Pandiá Calógeras (de 1934 a 1937), e o secundário no Colégio Marconi (de 1938 a 1944), onde tive o privilégio de ser aluno de Português do professor Guilhermino César e de Filosofia, do professor Arthur Versiani Velloso.

Pertenço ao grupo literário que editou, em 1946, a revista Edifício (quatro números) e alguns livros. Redigi a plataforma da publicação, participei dos depoimentos do segundo número e escrevi, para o terceiro e quarto números, respectivamente sobre Oswaldo Alves e "Sugestões de Sinfonia Pastoral" (de Gide). São meus companheiros de geração entre outros, Francisco Iglesias, Autran Dourado, Wilson de Figueiredo, Octavio Alvarenga, Jacques do Prado Brandão, Hélio Pellegrino, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Pedro Paulo Ernesto (José Augusto Pereira Zeka), Walter Andrade, Pedro Giannetti, Amaro de Queiroz, Edmur Fonseca, Vanessa Netto e Pontes de Paula Lima, reunidos por João Etienne Filho.

Inscrevi-me na Faculdade de Direito da Uni-

versidade de Minas Gerais, formando-me em 1949, depois de haver obtido o primeiro lugar, no exame vestibular, em 1945.

Mudei para o Rio de Janeiro em 1948 (o último ano da Faculdade cursei ali, com validade para a Universidade de Minas Gerais), tornando-me crítico teatral do Diário Carioca em junho de 1950, em substituição de Paulo Mendes Campos.

Com bolsa de estudos da Embaixada Francesa, cursei Estética, na Universidade de Paris, no ano letivo de 1952-1953. Ali fui aluno de Etienne Souriau e de seu assistente Revault D'Allonnes. Nas disciplinas subsidiárias Psicologia e História da Arte Moderna, tive como professores, respectivamente, Daniel Lagache e Pierre Lavedan. Além dos exames regulamentares, que me valeram o certificado de Esthétique et Science de l'Art, fiz um seminário sobre "Deve o Ator Ser Sincero?" (Estudo sobre o Paradoxo de Diderot) e um trabalho escrito intitulado "Jusque à quel point une oeuvre d'art est-elle solidaire du moment historique où elle a pris naissance?".

Acompanhei a temporada teatral parisiense, escrevendo quatro comentários semanais para o Diário Carioca. Durante a permanência na Europa, visitei a Inglaterra (tratei das montagens a que assisti no

no programa brasileiro da BBC de Londres), a Bélgica, a Holanda, a Suíça e, finalmente, durante um mês, a Itália.

Fiz viagem de estudos aos Estados Unidos, de 21 de dezembro de 1959 a 23 de abril de 1960, como "participant in the Foreign Specialist Program of the International Educational Exchange Service of the U. S. Department of State". Assisti a oitenta espetáculos, em Washington, New York, New Haven, Pittsburgh, Cleveland, Chicago, San Francisco, Los Angeles, Dallas e New Orleans, mantendo contato com personalidades do mundo teatral. Escrevi, a respeito, numerosos comentários, publicados em O Estado de S. Paulo e em seu Suplemento Literário.

Em janeiro e fevereiro de 1973, visitei Lisboa, Madri, Roma, Viena, Praga, Berlim, Bruxelas, Londres, Paris e New York, assistindo aos espetáculos e dialogando com o pessoal de teatro.

Em novembro de 1977, passei duas semanas em Milão e Roma, a convite do Consulado e da Embaixada Brasileira, assistindo a espetáculos e trocando idéias com realizadores teatrais.

Em janeiro de 1981, visitei New York, assistindo aos espetáculos e dialogando com gente de teatro.

Em junho de 1982, participei dos "Rencontres Nord-Sud Culture", realizados em Béziers, Montpellier e Arles, participando de todas as mesas-redondas, durante dez dias. Dialoguei longamente com críticos e animadores teatrais, e assisti aos espetáculos oferecidos no certame, visitando ainda Avignon, para ver um ensaio. Aproveitei a viagem para retornar a Paris, onde compareci a diversos espetáculos, e fui à Grécia, conhecendo particularmente os locais ligados ao teatro (Atenas, Epidauro, Micenas e Corinto, por exemplo).

Em outubro de 1983, fiz viagem de informações à República Federal da Alemanha, a convite do Governo Alemão, ao ensejo da Feira do Livro de Frankfurt, visitando ainda Heidelberg, Munique, Bonn, Colônia e Berlim, e, antes da volta ao Brasil, Paris. Mantive contato com professores universitários, críticos e editores, para inteirar-me de problemas culturais e artísticos da Alemanha.

Em julho de 1984, fui a Zurique, Londres, Stratford-upon-Avon e New York, assistindo sobretudo a espetáculos teatrais.

Após a Adjunção

Em novembro de 1985, visitei Bruxelas, assistindo a espetáculos teatrais.

Em abril de 1986, retornei a Roma, onde assisti a várias montagens e dialoguei com especialistas de teatro e literatura brasileira. Em viagem pela Umbria, vi sobretudo as obras de recuperação de teatros antigos, sob o comando do diretor, cenógrafo e técnico Giuseppe Pastore.

De 1º a 11 de maio de 1986, fui a Colônia, Giessen, Hamburgo e Berlim, a convite do Departamento de Imprensa e Informação do Governo Federal da Alemanha. Tive contato com professores e diretores de teatros estatais, além de críticos especializados, assistindo em especial a alguns espetáculos do Festival de Berlim.

Em fevereiro de 1987, fui a Londres, assistindo a espetáculos teatrais.

Durante os dois anos letivos de permanência em Paris, vi numerosos espetáculos teatrais e dialoguei com professores, encenadores, intérpretes e chefes de elencos.

III - Carreira de ensino

Fui professor de História do Teatro da Escola de Arte Dramática de São Paulo, hoje anexa à Escola de Comunicações e Artes da USP, de 1953 a 1968, substituindo inicialmente o professor Paulo Mendonça e dividindo com o professor Décio de Almeida Prado a responsabilidade da disciplina. Depois, com o afastamento do professor Décio, passei a alternar-me no programa com o professor Paulo Mendonça. Em 1962, iniciei na EAD o ensino de História do Teatro Brasileiro, que não pertencia ao currículo.

Em 1967, fui convidado pelo professor Julio Garcia Morejón para ser o primeiro professor de História do Teatro Universal da recém-criada Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo. Em razão do que já expus, lecionei no ano inteiro de 1968, na qualidade de conferencista, embora autorizado pela Congregação para assinar contrato como Professor Colaborador MS-4.

Posteriormente, o professor Antônio Guimarães Ferri, novo diretor da Escola, convidou-me para ministrar a disciplina Legislação Teatral, hoje Ética, Legislação e Produção Teatrais. No curso do Departamento de Artes Cênicas, ensino ainda as disci-

plinas Crítica Teatral I, II e III. E pertencço ao corpo de professores dos cursos de Pós-Graduação, onde sempre me concentrei em temas de Teatro Brasileiro.

Durante dois anos, dei também História do Teatro e História do Teatro Brasileiro na Fundação Armando Álvares Penteado.

Após a Adjunção

Nos anos letivos de 1985-1986 e 1986-1987, lecionei Teatro e Literatura Brasileira no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle), reasumindo minhas funções, na ECA, a partir de julho de 1987.

IV - Trabalhos de pesquisa

Minhas pesquisas voltaram-se sempre para quatro campos privilegiados: História do Teatro Brasileiro, História do Teatro Universal, Estética e Legislação Teatral. Elas visaram e continuam a visar ao aproveitamento no ensino e em publicações.

Trinta e sete anos de críticas e de estudos permitiram sistematizar uma idéia do teatro brasileiro, expressa em livros, teses, conferências e comentários jornalísticos. Idêntico procedimento propiciou a publicação dos livros Temas da História do Teatro, Aspectos da Dramaturgia Moderna e O Cenário no Averso. O interesse pela Estética criou os meios para o preparo de Iniciação ao Teatro. Acompanho a mutável legislação brasileira, não só para informação dos cursos, mas também para a publicação de um possível manual que trate dos problemas de Teatro e Estado, organismos governamentais especializados, Censura, direitos autorais, regulamentação das profissões e dos cursos teatrais, normas para a formação de elencos, posturas relativas a construção de casas de espetáculos etc.

Para fazer a tese de doutoramento, defendida em 1972, pesquisei o teatro de Oswald de Andra

de, chegando a encontrar textos inéditos inacabados.

Logo em seguida, iniciei as pesquisas para elaborar a tese de livre-docência - Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações. A pedido do dramaturgo, organizei para a Editora Nova Fronteira a publicação de seu Teatro Completo e escrevi os prefácios a cada peça, consubstanciados em 184 laudas datilografadas. Finalmente, redigi a tese de livre-docência, defendida em novembro de 1983.

Obtido o título de livre-docente, retomei as pesquisas sobre o Teatro de Arena de São Paulo, desenvolvidas após a preparação dos prefácios ao Teatro de Nelson Rodrigues, com o objetivo de distanciar-me suficientemente do assunto, para evitar repetições na tese Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações. O resultado do trabalho foi o volume Um Palco Brasileiro (O Arena de São Paulo), publicado na coleção "Tudo É História" da Editora Brasiliense, em abril de 1984.

Fiz, também, extensa pesquisa, destinada a preparar a segunda edição de Iniciação ao Teatro. A DESA havia publicado a primeira edição em 1965, promovendo uma reimpressão logo a seguir. Não desejei autorizar de imediato a nova edição, porque citava

a Constituição de 1946, que deveria ser substituída pela de 1967 e, depois, pela Emenda Constitucional nº 1, de 1969. Alteravam-se, aí, dispositivos importantes, relativos ao exercício da Censura. A Lei nº 5.536, de 21 de novembro de 1968, disciplinou de forma diferente a Censura, mas o Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, tornou-a letra morta. Convinha esperar a regulamentação da Lei nº 5.536/68, o que só ocorreu por força do Decreto nº 83.973, de 13 de setembro de 1979 - cerca de onze anos mais tarde. Simultaneamente, os trabalhadores de teatro obtiveram a regulamentação do exercício das profissões de artistas e técnicos em espetáculos de diversões, por meio da Lei nº 6.533, de 24 de maio de 1978.

Quanto aos órgãos governamentais, o antigo Serviço Nacional de Teatro transformou-se no Instituto Nacional de Artes Cênicas, sendo alterada sua estrutura (recentemente, o Instituto passou a Fundação). Numerosos pormenores modificaram-se, no correr dos anos, até a capacidade do antigo Teatro Nacional Popular francês, no Palais de Chaillot de Paris. Se, em 1965, estavam em voga alguns qualificativos para o teatro, com o tempo outros foram acrescentados. A pesquisa levou à redação de quatro novos verbetes:

Teatro Pobre, Criação Coletiva, Happening e Teatro do Oprimido - os mais ligados à realidade brasileira. Assim, foi necessária extensa e variada pesquisa, para chegar-se à segunda edição de Iniciação ao Teatro, publicada em março de 1985 pela Editora Ática de São Paulo (em 1986, saiu a terceira edição).

Outra pesquisa consubstanciou-se em "À maneira de prefácio e depoimento", que consta do livro Uma Atriz: Cacilda Becker, organizado por Nanci Fernandes e Maria Thereza Vargas, e que a Editora Perspectiva de São Paulo publicou em janeiro de 1984.

Após a Adjunção

Continuo a pesquisar o método de encenação de Antunes Filho, visando a publicar um trabalho sobre as montagens de Nelson Rodrigues O Eterno Retorno e Nelson 2 Rodrigues. E, lentamente, recolho material para escrever um livro sobre a dramaturgia de Arthur Azevedo.

V - Títulos da carreira universitária

Obtive em 18 de dezembro de 1972, com uma tese sobre "O Teatro de Oswald de Andrade", o título de Doutor em Letras, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, tendo feito a defesa junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Disciplina de Literatura Brasileira, sob a orientação inicial do professor José Aderaldo Castello que, ausentando-se do País, a transferiu ao professor Décio de Almeida Prado.

Participaram da banca examinadora, além do professor Décio, os professores Gilda de Mello e Souza, Victor Ramos (responsáveis pelas disciplinas em que fiz as teses subsidiárias), Alfredo Bosi e Bóris Schnaiderman, que me conferiram a nota dez (distinção).

Para a disciplina de Estética, a cargo da professora Gilda, escrevi "Princípios estéticos desentranhados das peças de Pirandello sobre teatro" e, para a de Literatura Francesa, então sob a responsabilidade do professor Albert Audubert, "Gide dessacraliza o mito de Édipo". São esses dois trabalhos que compõem o volume O Cenário no Averso.

Alcancei, em novembro de 1983, o título

de Professor Livre-docente de Teatro Brasileiro I e II, em concurso em que me examinaram os professores José Aderaldo Castello, Antonio Candido de Mello e Souza, Miroel Silveira, Léa Vinocur Freitag e Décio de Almeida Prado.

Constaram do concurso, promovido pela Escola de Comunicações e Artes da USP: 1 - o exame do Memorial; 2 - aula sobre "A evolução da comédia de costumes - de Martins Pena a Arthur Azevedo"; 3 - prova escrita sobre "A dramaturgia de Jorge Andrade"; 4 - prova prática, análise de Rasga Coração, peça de Oduvaldo Vianna Filho; e 5 - defesa da tese "Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações". A banca examinadora atribuiu-me a nota dez (distinção).

Fui nomeado professor-associado da Université de La Sorbonne Nouvelle - Paris III, lecionando nos anos letivos de 1985-1986 e 1986-1987, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros. Essa nomeação me decidiu a prestar o concurso para Professor-Adjunto, em que fui aprovado, em 29 de outubro de 1985, por uma Comissão Julgadora, formada pelos professores Eduardo Peñuela Cañizal, Miroel Silveira, João Alexandre Costa Barbosa, José Carlos Garbuglio e Boris Chnaiderman. Considerando minha

viagem para a França, essa Comissão, generosamente, dispensou que eu estivesse presente no julgamento do Memorial.

VI - Atividades de criação, organi-
zação, orientação e desenvolvi-
mento de centros ou núcleos de
ensino e pesquisa

Sinto-me orgulhoso de que vários dos atuais professores do Departamento de Artes Cênicas da ECA foram meus alunos ali ou na Escola de Arte Dramática, onde também lecionam diversos ex-discípulos meus.

Entre os atuais professores, alguns foram meus orientandos em Pós-Graduação: a professora doutora Renata Pallottini, a mestre Ingrid Dormien Koudela e o mestre Eudinyr Fraga.

Alguns de meus orientandos lecionam em outras unidades universitárias: o mestre Celso Nunes, que dirige o Setor de Teatro da Universidade de Campinas; o mestre Reynuncio Napoleão de Lima, que leciona na Universidade Estadual de São Paulo. Ambos, e ainda Eudinyr Fraga, preparam sob minha orientação o doutoramento. A mestre Sakae Murakami Giroux leciona no curso de Japonês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. A mestre Beatriz Ângela Cabral Vaz leciona na Fundação de Artes de Santa Catarina. Antônio Edson Cadengue, professor da ⁴s

cola de Teatro da Universidade do Recife, veio fazer, sob minha orientação, o Mestrado e depois o Doutorado, com o objetivo de criar a Pós-Graduação, nesse campo, em Pernambuco. É Paulo Roberto Vieira de Melo, professor da Universidade Federal da Paraíba, hoje lecionando na Universidade de Campinas, é meu orientando para o Mestrado.

Por circunstâncias várias, tive oportunidade de colaborar no desenvolvimento de outros núcleos pedagógicos. O Magnífico Reitor Orlando M. Carvalho, da Universidade de Minas Gerais, pediu-me certa vez que diagnosticasse os problemas do curso de teatro ministrado em Belo Horizonte. De meu relatório, surgiu o pedido de indicação de um professor para dirigi-lo, tendo então sugerido o nome da professora Haydée Bittencourt, que acaba de aposentar-se na direção da Escola.

A pedido da Universidade de Pernambuco, indiquei o professor Milton Baccarelli, meu ex-aluno na Escola de Arte Dramática, para lecionar Interpretação no Curso de Teatro. Hoje chefe de um Departamento que reúne várias disciplinas, naquela Universidade, ele pretende candidatar-se ao doutorado, sob minha orientação.

Recomendei o encenador José Fossi Neto, meu

ex-aluno na ECA, a colegas da Universidade da Bahia, tornando-se ele, depois, diretor da Escola de Teatro. E encaminhei diversos ex-alunos para lecionarem em Porto Alegre.

No curso do então Setor de Teatro, manteve, na década passada, um Laboratório de Crítica, do qual participaram alunos e ex-alunos. O resultado mais interessante do trabalho foi o preparo de um volume sobre a encenação de A Capital Federal, de Arthur Azevedo, realizada por Flávio Rangel. Fez-se minucioso levantamento, documentado, de todos os aspectos da montagem, e até da reação diária dos espectadores. Esse volume acha-se no Departamento de Informação e Documentação Artísticas da Secretaria Municipal de Cultura, para consulta e eventual publicação.

VII - Publicações didáticas e trabalhos de divulgação científica

Até a Adjunção, publiquei os seguintes livros:

1. Panorama do Teatro Brasileiro. São Paulo: Difusão Européia do Livro, s/d. (1962). Reimpresão - Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, DAC/FUNARTE/MEC, s/d. (1977).

2. Temas da História do Teatro. Porto Alegre: Curso de Arte Dramática da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1963.

3. Aspectos da Dramaturgia Moderna. São Paulo: Comissão de Literatura do Conselho Estadual de Cultura, 1963.

4. Iniciação ao Teatro. São Paulo: DESA, 1965. 2a. edição, revista e atualizada - São Paulo: Editora Ática (volume 6 da Série Fundamentos), 1985; 3a. edição, 1986.

5. O Cenário no Averso. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

6. Um Palco Brasileiro (O Arena de São Paulo). São Paulo: Editora Brasiliense (volume 85 da coleção "Tudo É História"), 1984.

Redigi o verbete sobre o Teatro Brasileiro,

para a Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, volume 4, 1975.

Publiquei, de parceria com Maria Thereza Vargas, Cem Anos de Teatro em São Paulo, em quatro números do Suplemento do Centenário de O Estado de S. Paulo (edições de 27 de dezembro de 1975 e 3, 10 e 17 de janeiro de 1976).

Publiquei "O Teatro Moderno" in O Período Moderno. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1981 (os outros autores do volume são Afonso A. rinos de Mello Franco, Carlos Flexa Ribeiro, Eduardo Portella, Maria Luíza Priolli, Muniz Barreto e Paulo F. Santos).

Prefácios:

1. Os Ossos do Barão, de Jorge Andrade (junto com A Escada, prefaciada por Décio de Almeida Prado). São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.

2. Vereda da Salvação, de Jorge Andrade (prefácio de Antonio Candido e introdução de Sábato Magaldi). São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

3. Bonitinha, Mas Ordinária, de Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

4. Toda Donzela Tem um Pai que É uma Fera, de Gláucio Gill. São Paulo: Editora Brasiliense,

1965.

5. Vestir os Nus, de Pirandello. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.

6. O Rei da Vela, de Oswald de Andrade. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

7. O Pagador de Promessas, de Dias Gomes. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 3a. edição, 1967.

8. O Prodígio do Mundo Ocidental, de John M. Synge. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

9. Marta, a Árvore e o Relógio, ciclo de dez peças de Jorge Andrade. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970 (estão incluídos no volume, em posfácio, "Revisão de Vereda" e "Dos Bens ao Sangue" - sobre Os Ossos do Barão).

10. Teatro em Tempo de Síntese, de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1971.

11. A Pena e a Lei, de Ariano Suassuna. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1971.

12. Moderno Teatro Brasileiro, de Gustavo A. Dória. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, Ministério da Educação e Cultura, 1975.

13. Da Fala ao Grito (Fala Baixo, Senão Eu Grito, Jorginho, o Machão e Roda Cor de Roda),

de Leilah Assunção. São Paulo: Editora Símbolo, 1977.

14. Campeões do Mundo, de Dias Gomes (orelha). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

15. 1949 Não Terminou, romance de Henrique Simas (orelha). São Paulo: Editora Duas Cidades, 1978.

16. Teatro Completo, de Nelson Rodrigues. Volume I - peças psicológicas: A Mulher Sem Pecado, Vestido de Noiva, Valsa nº 6, Viúva, Porém Honesta e Anti-Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

17. Teatro Completo, de Nelson Rodrigues. Volume II - peças míticas: Album de Família, Anjo Negro, Dorotéia e Senhora dos Afogados. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

18. Teatro Completo, de Nelson Rodrigues. Volume III - tragédias cariocas (I): A Falecida, Perdoa-me por me Traíres, Os Sete Gatinhos e Boca de Ouro. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

19. "À Maneira de Prefácio e Depoimento", in Uma Atriz: Cacilda Becker, organização de Nanci Fernandes e Maria Thereza Vargas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

20. Um Ato de Resistência - O Teatro de

Oduvaldo Vianna Filho, de Carmelinda Guimarães. São Paulo: MG Editores Associados, 1984 (orelha).

Fui o responsável pela organização e direção da Série Teatro Universal, Brasiliense de Bolso, que a Editora Brasiliense publicou, de 1965 a 1969, constando de 34 volumes. O objetivo era documentar as novas peças brasileiras e publicar os textos fundamentais da História da Dramaturgia. Formaram a coleção as seguintes obras:

1. A Tempestade, de Shakespeare.
2. Pequenos Burgueses, de Górkki.
3. Vereda da Salvação, de Jorge Andrade.
4. Bonitinha, Mas Ordinária, de Nelson Rodrigues.
5. Mirandolina, de Goldoni.
6. A Morte de Danton, de Büchner.
7. Toda Donzela Tem um Pai que É uma Fera, de Gláucio Gill.
8. Auto da Barca do Inferno, A Farsa de Inês Pereira e O Velho da Horta, de Gil Vicente.
9. Um Gosto de Mel, de Shelagh Delaney.
10. O Dibuk, de An-Ski.
11. A Dama das Camélias, de Dumas Filho.
12. Juno e o Pavão, de Sean O'Casey.
13. Pigmaleoa, de Millôr Fernandes.

14. A Guerra Mais ou Menos Santa, de Mário Brasini.
15. Memórias de um Sargento de Milícias (adaptação do romance de Manuel Antônio de Almeida), de Francisco Pereira da Silva.
16. Vestir os Nus, de Pirandello.
17. O Caso Oppenheimer, de Heinar Kipphardt.
18. A Ilha de Circe ou Mister Sexo, de João Bethencourt.
19. Os Inimigos, de Górkí.
20. Eles Não Usam Black-tie, de Gianfrancesco Guarnieri.
21. O Refém, de Brendan Behan.
22. Quarto de Empregada e Presépio na Vitrina, de Roberto Freire.
23. A Morte do Imortal, de Lauro César Muniz.
24. O Inspetor Geral, de Gogol.
25. Os Físicos, de Dürrenmatt.
26. Don Gil das Calças Verdes, de Tirso de Molina.
27. A Urna, de Walter George Dürst.
28. Rasto Atrás, de Jorge Andrade.
29. A História de Muitos Amores, de Domingos de Oliveira.

30. O Prodígio do Mundo Ocidental, de Synge.

31. Os Tecelões, de Gerhart Hauptman.

32. Senhorita Júlia e A Mais Forte, de August Strindberg.

33. Woyzeck e Leonce e Lena, de Georg Büchner.

34. Os Últimos, de Górkí.

Pertenci ao Colégio de Consultores da Enciclopédia Abril, nos verbetes relativos ao Teatro. A publicação, em 12 volumes (o 13º é o Índice), estendeu-se do ano de 1971 ao de 1973.

Fui crítico teatral do Diário Carioca, do Rio de Janeiro, de junho de 1950 a setembro de 1953. Publicava uma matéria diária, até a viagem à Europa, quando reduzi os artigos a quatro semanais.

Logo que cheguei a São Paulo, em outubro de 1953, tornei-me crítico da revista Anhembi, onde permaneci cerca de seis meses.

Em outubro de 1953, ocupei também o cargo de redator do jornal O Estado de S. Paulo, passando, após alguns meses, a redigir a seção informativa de Teatro, a primeira especializada a figurar diariamente na Página de Arte do matutino (até 1972). Chefeei, eventualmente, a Página de Arte do jornal.

Fui redator-chefe e crítico da revista Teatro Brasileiro, que se publicou em São Paulo, sob a direção de Alfredo Mesquita, de novembro de 1955 a setembro de 1956 (nove números).

Fui o titular da Seção de Teatro do Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo, colaborando mais intensamente de 1956 a 1960, e, esporadicamente, de 1961 a 1969. Ao todo, 244 artigos. Durante quatro meses, em 1958, substituí Décio de Almeida Prado na direção do Suplemento.

A partir de 4 de janeiro de 1966, tornei-me crítico teatral do Jornal da Tarde, publicando, em média, ao menos dois comentários por semana.

Publiquei na revista Dionysos, de dezembro de 1967, o artigo "Teatro, São Paulo, 1966" (nº 15).

Publiquei na revista Comentário, no número relativo ao primeiro trimestre de 1968, o artigo "À Procura de Rasto Atrás".

Fiz críticas diárias, para distribuição interna, do IV Festival de Teatro Amador, promovido pelo Serviço Social do Comércio no Teatro Anchieta, em novembro de 1971.

Redigi verbetes sobre o Teatro Brasileiro, para a publicação alemã Kindler Verlag GMBH (Kindlers Literatur Lexikon), que nunca vi.

Fui crítico teatral da revista Visão, de 1969 a março de 1975.

Publiquei na revista Cultura, do Ministério da Educação e Cultura, nº 27, 1978, o ensaio "Visão do Teatro Brasileiro Contemporâneo".

Publiquei em boletins do Conselho Federal de Cultura pronunciamentos sobre Procópio Ferreira, Octavio de Faria, Paschoal Carlos Magno e Nelson Rodrigues.

Publiquei na revista Dionysos (nº 25, setembro de 1980), trecho de Cem Anos de Teatro em São Paulo, que escrevi de parceria com Maria Thereza Vargas, sob o título "Surge o TBC".

Publiquei em Arte em Revista (nº 6, outubro de 1981), a resposta à carta aberta que me dirigiu José Celso Martinez Corrêa, a propósito de uma crítica ao espetáculo Gracias, Señor.

Publiquei na revista A Lavoura (Literária: Suplemento da edição de novembro/dezembro de 1981), artigo intitulado "O Homem do Campo no Palco".

Fui o responsável pela escolha dos títulos e consultor no preparo dos prefácios dos 35 volumes da coleção Teatro Vivo, publicada pela Editora Abril, em 1976 e 1977. São os seguintes os textos:

1. Hamlet, de Shakespeare.

2. Édipo-Rei, de Sófocles.
3. Cyrano de Bergerac, de Edmond Rostand.
4. Um Bonde Chamado Desejo, de Tennessee Williams.
5. Rinocerontes, de Ionesco.
6. Casa de Bonecas, de Ibsen.
7. Tartufo, de Molière.
8. Três Irmãs, de Tchecov.
9. O Rei da Vela, de Oswald de Andrade.
10. A Mandrágora, de Maquiavel.
11. A Morte do Caixeiro-Viajante, de Arthur Miller.
12. A Profissão da Sra. Warren, de Bernard Shaw.
13. O Inspetor Geral, de Gogol.
14. Fausto, de Goethe.
15. Esperando Godot, de Samuel Beckett.
16. A Visita da Velha Senhora, de Friedrich Dürrenmatt.
17. A Volta ao Lar, de Harold Pinter.
18. Pequenos Burgueses, de Górkí.
19. Bodas de Sangue, de Garcia Lorca.
20. Medéia e As Bacantes, de Eurípides.
21. Arlequim, Servidor de Dois Amos, de Carlo Goldoni.

22. O Balcão, de Jean Genet.
23. Entre Quatro Paredes, de Jean-Paul Sartre.
24. O Arquiteto e o Imperador da Assíria, de Arrabal.
25. Seis Personagens à Procura de um Autor, de Luigi Pirandello.
26. Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues.
27. Nossa Cidade, de Thornton Wilder.
28. Maria Stuart, de Friedrich Schiller.
29. Lisístrata e As Nuvens, de Aristófanes.
30. A Vida de Galileu, de Bertolt Brecht.
31. Marat/Sade, de Peter Weiss.
32. A Dança da Morte, de August Strindberg.
33. Estado de Sítio, de Albert Camus.
34. Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?, de Edward Albee.
35. Longa Jornada Noite Adentro, de Eugene O'Neill.

Publiquei, também, as seguintes matérias:

1. "O ator Paulo Autran", na revista Vo-
gue, número de fevereiro de 1984;
2. "Itinerário e Unidade de uma Obra", no
programa do espetáculo Nelson 2 Rodrigues, levado
pelo Grupo Macunaíma no Teatro Anchieta, em 1984, e

na Espanha, em 1985;

3. "Os Atores Gaúchos", no número comemorativo do 20º aniversário do jornal Zero Hora, de Porto Alegre (4 de maio de 1984);

4. "Desencontros e Encontro com Autran Dourado", no Suplemento Literário do Minas Gerais, de Belo Horizonte (19 de janeiro de 1985);

5. "O diretor Paulo Autran", no programa do espetáculo Quando o Coração Floresce, de Aleksey Arbusov, estreado em janeiro de 1985, na Sala Clara Sverner do Teatro Cultura Artística;

6. "Gestão fecunda em momentos adversos", no número 9, Ano I, janeiro de 1985, da revista Artes Cênicas, editada sob a responsabilidade do Instituto Nacional de Artes Cênicas;

7. "Desafio de O Tartufo", no programa do espetáculo apresentado pela Companhia Paulo Autran na temporada de 1985, no Teatro Maria Della Costa;

8. "1984: o que se distinguiu na temporada paulista", em Cadernos de Teatro do grupo O Tablado do Rio, nº 103, outubro a dezembro de 1984.

Ainda no campo das publicações, dirijo a coleção O Melhor Teatro, da Editora Global de São Paulo, tendo saído, em setembro de 1984, o primeiro volume, dedicado a Oduvaldo Vianna Filho. Estão aí

enfeixadas as peças Rasga Coração, Papa Highirte e Mão na Luva, com prefácio de Yan Michalski.

Após a Adjunção

Publiquei o seguinte livro:

Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações.

São Paulo: Editora Perspectiva, em co-edição com a Editora da Universidade de São Paulo (volume 98 da Coleção Estudos), 1987.

Colaboração em obras coletivas:

1. "O texto no moderno teatro brasileiro".

In Literatura Brasileira: Ensaaios - Crônica, Teatro e Crítica. Vol. I (2a. Bienal Nestlé de Literatura Brasileira). São Paulo: Norte Editora Ltda., 1986.

2. "O papel de Brecht no teatro brasileiro: uma avaliação". In Brecht no Brasil - Experiências e Influências (organização e introdução de Wolfgang Bader). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

3. "O texto no moderno teatro brasileiro" (republicação do trabalho constante do item 1, atualizado até janeiro de 1987). In Arquivos do Centro Cultural Português, volume XXIII (Homenagem a Paul Teyssier). Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

Prefácios:

1. O Teatro Epico, de Anatol Rosenfeld.

São Paulo: Editora Perspectiva, 2a. edição, 1985.

2. Revolução na América do Sul, de Augusto Boal. In Teatro do autor, volume I. São Paulo: Hucitec, 1986.

3. 20 Anos do Teatro Ruth Escobar, de Rofran Fernandes. São Paulo: Global, 1986 (além do prefácio, foram aproveitados no volume numerosos comentários meus, extraídos da imprensa).

4. TBC: Crônica de um Sonho, de Alberto Guzik. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

5. Pequena História do Teatro Brasileiro, de Mário Cacciaglia. São Paulo: TA Queiroz, em co-edição com a Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

6. Marta, a Árvore e o Relógio, ciclo de dez peças de Jorge Andrade. São Paulo: Perspectiva, 2a. edição, 1986 (da primeira edição, constavam os estudos "Revisão de Vereda" e "Dos Bens ao Sangue" (sobre Os Ossos do Barão), acrescentando-se a eles, na segunda edição, "À procura de Rasto Atrás" e, como posfácio, "Um painel histórico: o teatro de Jorge Andrade".

7. O Universo Romanesco de Lúcio Cardoso, de Mário Carelli ("orelha" do livro, que se acha no prelo da Editora Guanabara do Rio de Janeiro).

8. A Palavra e o Riso (Uma introdução aos processos lingüísticos de comicidade no teatro e na sátira de Arthur Azevedo), de Antônio Martins de Araújo (no prelo de coleção a ser lançada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Na coleção O Melhor Teatro, da Editora Global, que dirijo, saíu em 1986 o segundo volume, enfeixando quatro peças de Gianfrancesco Guarnieri. São elas: Eles Não Usam Black-tie, A Semente, Um Grito Parado no Ar e Ponto de Partida, com prefácio de Décio de Almeida Prado.

Acham-se no prelo o terceiro e o quarto volumes da coleção: O Melhor Teatro do Centro Popular de Cultura, com prefácio de Fernando Peixoto, e O Melhor Teatro de Domingos Oliveira, com prefácio de João Roberto Faria.

Da Europa, continuei a enviar, em média, um artigo semanal para o Jornal da Tarde.

Publiquei no programa do espetáculo O Encontro de Descartes com Pascal, de Jean-Claude Brisville, lançado por Ítalo Rossi, em maio de 1987, no Teatro da Aliança Francesa de Botafogo, no Rio de Janeiro, o artigo "Significados de uma estréia".

E publiquei também, em La Quinzaine Littéraire (nº 485, de 1º a 15 de maio de 1987 - Spécial

Brésil II - Peinture, Théâtre, Cinéma), o artigo
"Un Brésilien à Paris - Antunes Filho".

VIII - Atividades didáticas

Depois de ministrar um curso de conferências, na Escola de Comunicações e Artes, em 1968, sobre História do Teatro, passei a lecionar regularmente, a partir de 1970, as seguintes disciplinas:

Graduação

1970 - Crítica Teatral e Legislação e Administração Teatrais;

1971 - Crítica Teatral e Legislação e Administração Teatrais;

1972 - Crítica Teatral e Legislação e Administração Teatrais;

1973 - Crítica Teatral II e III, e Legislação e Administração Teatrais;

1974 - Legislação e Administração Teatrais e Crítica Teatral III;

1975 - Crítica Teatral II e Legislação e Administração Teatrais;

1976 - Crítica Teatral II e Legislação e Administração Teatrais;

1977 - Crítica Teatral II e III, e Legislação e Administração Teatrais;

1978 - Ética, Legislação e Produção Teatrais e Crítica Teatral II e III;

1979 - Crítica Teatral II e III, e Ética,
Legislação e Produção Teatrais;

1980 - Crítica Teatral I, II e III, e Éti
ca, Legislação e Produção Teatrais;

1981 - Crítica Teatral I, II e III, e Éti
ca, Legislação e Produção Teatrais;

1982 - Crítica Teatral I, II e III, e Éti
ca, Legislação e Produção Teatrais;

1983 - Crítica Teatral I, II e III, e Éti
ca, Legislação e Produção Teatrais;

1984 - Crítica Teatral I, II e III, e Éti
ca, Legislação e Produção Teatrais;

1985 - Crítica Teatral I, II e III, e Éti
ca, Legislação e Produção Teatrais.

Pós-Graduação

1. CTR-712 - Dramaturgia de Nelson Rodri-
gues.

2. CTR-720 - Dramaturgia de Oswald de An-
drade.

3. CTR-730 - Três contribuições ao teatro
brasileiro: TBC, Arena e Oficina.

4. CTR-749 - As Grandes Formas Cênicas de
Hoje (fui o responsável pelo curso ministrado pelo
professor Bernard Dort, atribuindo as notas finais
aos alunos).

5. CTR-791 - O Teatro de Arena de São Paulo.

Após a Adjunção

1. Como professor associado do Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle), nomeado por decreto do Presidente da República Francesa de 16 de julho de 1985, e reconduzido por mais um ano letivo, por decreto de 23 de setembro de 1986, fui responsável pelos seguintes cursos:

1º semestre do ano letivo 1985-1986 -

DEUG - Visão do teatro brasileiro;

Mestrado - O teatro de Oswald de Andrade;

Doutorado - O teatro de Jorge Andrade;

Agregação - Gota d'Água, de Paulo Pontes e Chico Buarque de Hollanda;

2º semestre -

Licença - Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues;

Mestrado - Evolução da dramaturgia de Nelson Rodrigues;

Doutorado - O teatro de Jorge Andrade (em continuação);

Agregação - A Guerra Santa e A Estátua, do dramaturgo português Luís de Sttau Monteiro;

Agregação - Vila dos Confins, de Mário Palmério;

1º semestre do ano letivo 1986-1987 -

Licença - O teatro de Arthur Azevedo;

Mestrado - Toda Nudez Será Castigada e a tragédia carioca de Nelson Rodrigues;

Doutorado - A dramaturgia de Oduvaldo Vianna Filho;

Agregação e CAPES - A poesia de Jorge de Lima;

2º semestre -

DEUG - O teatro brasileiro, de Anchieta aos nossos dias;

Mestrado - O teatro de Jorge Andrade;

Doutorado - A dramaturgia de Oduvaldo Vianna Filho (em continuação);

Agregação - A poesia de Ferreira Gullar.

2. A convite do Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e da África de Língua Portuguesa da Université Rennes 2 Haute Bretagne, dei um curso de 24 horas, nos dias 29 a 31 de maio de 1986, sobre A situação do teatro brasileiro contemporâneo.

3. De volta a São Paulo, lecionei no Departamento de Artes Cênicas da ECA, no segundo semestre de 1987, as disciplinas Crítica Teatral I e III.

Conferências

Até a Adjunção

1. Teatro Brasileiro Moderno, no programa de uma Journée Franco-Brésilienne, em Paris, em 1953.

2. Sob o título geral "O Teatro nos Estados Unidos", seis palestras, na União Cultural Brasil-Estados Unidos, em 1960:

- a) A temporada na Broadway;
- b) A temporada Off-Broadway;
- c) A organização do teatro em Nova Iorque;
- d) A comédia musical;
- e) O ensino teatral nos Estados Unidos;
- f) Encontros com personalidades teatrais norte-americanas.

3. O teatro de Ionesco, em francês, a convite da Embaixada Francesa, no Rio, em 1961.

4. Teatro brasileiro, em Santiago, a convite do Itamarati, em 1962.

5. Teatro brasileiro, em Buenos Aires (uma na Sociedade de Autores Argentinos - Argentores, e outra no Instituto Cultural Brasil-Argentina), a convite do Itamarati, em 1962.

6. Teatro brasileiro, em Montevideu (três palestras, no Teatro Solis), a convite do Itamarati, em 1962.

7. Teatro brasileiro moderno, em Lima, em 1963.

8. O Teatro Grego, inaugurando curso de História do Teatro Universal, promovido no Rio pelo Círculo Independente de Críticos Teatrais.

9. A tragédia shakespeariana, na Biblioteca Municipal de São Paulo, em ciclo alusivo ao IV Centenário do nascimento de Shakespeare, promovido pelo Conselho Britânico, em 1964.

10. Edward Albee e Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?, no Teatro Cacilda Becker, em 1965.

11. O que é teatro, no Colégio Dante Alighieri, em 1967.

12. O teatro brasileiro, em curso promovido pela Universidade de Brasília, em 1967.

13. Situação do teatro brasileiro, no Curso Abril de Jornalismo, em 1968.

14. O teatro brasileiro, no curso de extensão universitária e divulgação sobre Cultura e Comunicação no Brasil, patrocinado pela Reitoria da Universidade de São Paulo, em 1970.

15. Situação do teatro, num curso de extensão e divulgação intitulado "Situação geral das artes no Brasil", promovido pelo Museu de Arte Contemporânea da USP, sob os auspícios da Reitoria, em 1971.

16. O teatro brasileiro na década de quarenta, num curso promovido pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP, sobre a Década de Quarenta.

17. Jean Vilar, na Aliança Francesa de São Paulo.

18. Bertolt Brecht, no Instituto Goethe de São Paulo.

19. A Electra, de O'Neill, durante a exposição sobre o dramaturgo norte-americano, realizada no quadro da Bienal de Artes Plásticas de Teatro, no ano de 1959.

20. O teatro de Pirandello, no Teatro Itália, a convite do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro.

21. O Teatro Grego, em cinco palestras, no Centro Dom Vital de São Paulo.

22. Introdução ao teatro (dez palestras), em diferentes estabelecimentos de ensino de São Paulo, num ciclo promovido pela Comissão Estadual de Teatro.

23. Teatro brasileiro moderno, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Paris, em 1973.

24. Teatro brasileiro moderno, em italiano, durante a Semana de Arte Brasileira promovida

pelo Consulado em Milão, em 1977.

25. Teatro brasileiro moderno, em português, a convite da Embaixada em Roma, em 1977.

26. Teatro brasileiro de vanguarda, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Paris, em 1979.

27. Para onde vai o teatro, a convite da Galeria Nega Fulô, de Recife, em 1973.

28. Situação do teatro brasileiro, no Curso de Estudos de Problemas Brasileiros, em Pós-Graduação da Faculdade de Direito da USP, em 1977.

29. Calígula, de Camus, na Faculdade de Administração do Rio de Janeiro, em 1978.

30. Criação de Entidades Culturais, na Universidade de Brasília, em 1978, sob os auspícios da OEA, do Centro Nacional de Referência Cultural e do Ministério da Educação e Cultura (palestra de quatro horas, para 35 dirigentes culturais de países latino-americanos).

31. O teatro moderno, num ciclo sobre O Período Moderno, promovido pelo Museu Nacional de Belas Artes, no Rio, em 1979.

32. A experiência na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, na disciplina de Estudo de Problemas Brasileiros do Curso de Pós-Graduação da

ECA, em 1979.

33. Crítica teatral, em curso constante de 12 horas, a convite da Fundação Cultural do Estado da Bahia, em Salvador, 1979.

34. Dramaturgia brasileira moderna, na Faculdade Ibero-Americana, no programa de uma Semana de Literatura Brasileira, em 1980.

35. Inícios do teatro brasileiro (de Anchieta ao Romantismo), na Universidade de Brasília, no programa de uma Semana sobre o Teatro Brasileiro, organizada pelo professor Cassiano Nunes, em 1980.

36. Os problemas do teatro brasileiro, em mesa-redonda sobre Literatura Brasileira Hoje, promovida pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Campinas, em 1980.

37. Apresentação do encenador e diretor cinematográfico Peter Brook, quando da exibição do filme Encontros com Homens Notáveis, no Auditório do Museu de Arte de São Paulo, em 1980.

38. Depoimento num Seminário Nacional sobre Censura de Diversões Públicas, promovido pelo Conselho Superior de Censura, do Ministério da Justiça, no Auditório do MASP, em 1980.

39. O III Festival Internacional de Tea-

tro, em seminário realizado no Teatro Ruth Escobar, em 1981.

40. As fases da dramaturgia de Nelson Rodrigues, abrindo, na Faculdade Cândido Mendes do Rio de Janeiro, o ciclo de leituras públicas da obra do dramaturgo, em 1981.

41. O cineasta Alberto Cavalcanti, no Conselho Federal de Cultura, ao ensejo dos 75 anos do cineasta, em 1982.

42. A função social da crítica, em debate realizado no Teatro dos Quatro, do Rio, em 1982.

43. Teatro e Estado, em Belo Horizonte, em mesa-redonda promovida pela Fundação Clóvis Salgado, em 1982.

44. Aspectos estéticos do teatro de Pirandello, no Museu de Arte de São Paulo, em 1982.

45. Situação do teatro brasileiro, em mesa-redonda promovida pelo jornal O Estado de S. Paulo, em 1982 (resumo publicado em 3 de outubro de 1982).

46. Fundamentos de uma política de cultura, em Florianópolis, a convite da Universidade Federal de Santa Catarina, em 1982.

48. Periodização do teatro brasileiro moderno, em Ouro Preto, no programa do Festival de

Inverno.

49. Autores brasileiros e suas obras, no Instituto Goethe de São Paulo, no programa do Semnário "O teatro alemão e seus realizadores. Elementos de comparação com o teatro no Brasil", sob a coordenação do professor alemão Henry Thorau, em 1984.

50. EAD: momentos de sua História, no Simpósio Internacional de História da Arte-Educação, em 1984.

51. Visão do teatro brasileiro, no programa das Oficinas de Dramaturgia e Interpretação, iniciativa da Cooperativa Paulista de Teatro, com o co-patrocínio da Secretaria Municipal de Cultura, no Teatro João Caetano, em 1985.

52. Periodização do teatro brasileiro moderno, no Centro de Estudos do Hospital Albert Eingtein, em 1985.

Além dessas palestras:

1. Falei sobre o Significado da Cultura, representando o Conselho Federal de Cultura, em segção conjunta com a Academia Brasileira de Letras, na sede desta, no Rio de Janeiro, em novembro de 1976, em comemoração do Dia da Cultura.

2. Participei de vários programas da série

"A aventura do teatro paulista", transmitida pela TV-Cultura, em 1981.

3. Coordenei um programa sobre o Teatro, no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, transmitido pela Rádio Cultura, em 1981.

4. Dei um depoimento sobre Nelson Rodrigues, no programa Globo-Revista, da TV Globo.

5. Participei da entrevista com Paulo Autran, no programa Canal Livre, da TV Bandeirantes, em 1981.

6. Participei de uma mesa-redonda com Ionesco, no Teatro da Maison de France do Rio; de uma segunda, no Teatro Galpão de São Paulo; e finalmente de uma terceira, sob a presidência do Magnífico Reitor da USP, no Anfiteatro da Universidade de São Paulo, em 1982.

7. Participei da entrevista com Tônia Carroero, no programa Canal Livre, da TV Bandeirantes, em 1981.

8. Apresentei o teleteatro Casa de Bonecas, de Ibsen, com Cacilda Becker, na TV Cultura, em 1979.

9. Fiz um comentário sobre A Serpente, de Nelson Rodrigues, no programa Abertura, da TV Tupi, no Rio, em 1980.

10. Fiz um comentário sobre Barrela e Abajur Lilás, de Plínio Marcos, no Jornal das 23 Horas, da TV Globo, em 1980.

11. Gravei para a TV Cultura um depoimento sobre a temporada teatral de 1982, transmitido no dia 30 de dezembro.

12. Gravei com o Padre Viotti um programa de uma hora sobre o Teatro de Anchieta, transmitido pela Rádio Cultura, em 1983.

13. Gravei depoimento sobre o ator, encenador e mímico Luís de Lima, para a TV Educativa do Rio, em 1983.

14. Participei do debate com o encenador francês Marcel Maréchal, no auditório de O Estado de S. Paulo, em 1983.

15. Participei do programa São Paulo Conhece, da TV Gazeta, respondendo a perguntas de David José, em 1983.

16. Participei de mesas-redondas, discorrendo sobre o teatro brasileiro moderno, nas Universidades de Colônia e Berlim, tendo gravado um programa para a Deutsche Welle, em 1983.

17. Participei do Globo Repórter, discorrendo sobre Bibi Ferreira, em 1984.

18. Concedi entrevista, durante uma hora,

para o programa Galeria, da Rádio Eldorado, em 1984.

19. Participei do programa Super-Grilo, da TV Cultura, sendo entrevistado sobre Teatro por Júlio Lerner, em 1984.

20. Dei um depoimento sobre a função e o exercício da crítica, no Centro Cultural São Paulo, em 1984.

21. Participei de um debate público sobre Brecht e o Brasil, no Centro Cultural São Paulo, em 1984.

22. Dei um depoimento sobre Anatol Rosenfeld, no Centro Cultural São Paulo, em 1984.

23. Concedi entrevista sobre a temporada teatral de 1984, transmitida pela Rádio Jovem Pan, em 26 de dezembro.

24. Gravei um balanço do ano teatral de 1984 para a TV Mulher da TV Globo, transmitido no dia 31 de dezembro.

25. Participei do Seminário Internacional de Legislação Cultural - Cultura, Sociedade e Estado, na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, tratando do tema Cultura e Órgãos Culturais do Governo, em 1985.

26. Presidi a mesa do Congresso Brasileiro de Escritores que tratou do tema "O escritor e a

realidade nacional", sendo expositores Alfredo Bosi, Carlos Nelson Coutinho e Décio Pignatari, no Teatro Sérgio Cardoso, em 1985.

27. Participei do debate sobre O Teatro Operário Hoje, no Centro Cultural São Paulo, em 1985.

28. Participei, na Prefeitura Municipal de Campinas, de mesa-redonda sobre Oswald de Andrade, discorrendo sobre o seu teatro e respondendo a perguntas, em 1985.

29. Participei de um seminário sobre Política Cultural, promovido pela Rio Arte e pela PUC do Rio, discorrendo sobre Princípios de uma política teatral, no Auditório Rio Data Centro da Universidade Católica, em 1985.

30. Dei um depoimento sobre Nelson Rodrigues, transmitido em 28 de agosto de 1985, no programa Radar, da Rádio Cultura.

31. Participei como expositor do debate sobre Arena Conta Zumbi, ao lado de Gianfrancesco Guarnieri (co-autor da peça, juntamente com Augusto Boal) e do professor Octavio Ianni, sob a coordenação do crítico Edélcio Mostaço.

32. Participei de Simpósio, na Universidade de São Paulo, em comemoração do Ano Nacional da Cultura (A Cultura e as Artes no Mundo Contempo-

râneo), intervindo, no dia 12 de agosto de 1985, das 14 hs. 30 às 18 hs., no painel "O papel do Estado na política cultural e artística brasileira: as iniciativas públicas", juntamente com Cláudio Willer, Gianfrancesco Guarnieri, Nicolau Sevcenco e Jorge Cunha Lima.

Após a Adjunção

1. Encerrei pelo Brasil, no dia 7 de dezembro de 1985, o Colóquio denominado "Le théâtre sous la contrainte", promovido pelo Centro de Aix-en-Provence da Université de Provence, discorrendo sobre "Teoria e prática da Censura no Brasil atual" (a comunicação será publicada nos Anais).

2. Participei, no dia 21 de fevereiro de 1986, do 4ème. Salon des Langues, des Cultures et de la Communication Internationale (Expolangues), realizado de 19 a 23 de fevereiro de 1986 no Grand Palais de Paris, no programa de uma mesa-redonda sobre "Les relations France-Brésil", ao lado do escritor Josué Montello, embaixador do Brasil na UNESCO, e do historiador de Arte Robert Coustet, discorrendo sobre as "Relações entre a França e o Brasil no teatro".

3. Participei, no dia 27 de fevereiro de 1986, na Maison de l'Amérique Latine de Paris, de

um debate sobre Lúcio Cardoso, no programa da "Rencontre autour de l'écrivain brésilien Lúcio Cardoso (1912-1968)", que constou ainda de exposição de fotos, manuscritos, documentos inéditos, desenhos e pinturas do artista, e da projeção do filme A Casa Assassinada, dirigido por Paulo César Saraceni em 1971.

4. A convite do Departamento de Imprensa e Informação do Governo Federal da Alemanha, para uma visita ao País, de 1º a 11 de maio de 1986, realizei as seguintes palestras:

- a) 2 de maio, na Universidade de Colônia, Visão do teatro brasileiro moderno;
- b) 5 de maio, no Instituto de Ciências do Teatro de Giessen, mesa-redonda sobre a Situação do teatro brasileiro;
- c) 6 de maio, na Universidade de Hamburgo, Periodização do Teatro brasileiro moderno; e
- d) 9 de maio, no Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim, O teatro político no Brasil Contemporâneo.

5. No Centro de Estudos Brasileiros da Embaixada do Brasil em Roma, no programa de um Seminário de Teatro, pronunciei uma palestra sobre o Teatro brasileiro contemporâneo, no dia 7 de abril de

1986.

6. Fui o coordenador e fiz a introdução da mesa-redonda sobre "Brecht no Brasil", promovida pelo Instituto Cultural Brasil-Alemanha e pelo Instituto Goethe, no auditório da Faculdade Cândido Mendes do Rio de Janeiro, em 27 de agosto de 1986.

7. Participei de mesa-redonda sobre Teatro e Política, promovida pela Associação Paulista de Autores Teatrais, no SESC-Pompéia, em 23 de setembro de 1986.

8. A convite da direção do Instituto de Estudos Teatrais da Universidade de Paris III, dei um depoimento gravado, no dia 12 de maio de 1987, sobre o moderno teatro brasileiro, respondendo a perguntas dos professores Michel Corvin, Bernard Dort, Georges Banu, Richard Monod, do norte-americano David George e de outras pessoas presentes.

9. No programa "Macunaíma", transmitido aos domingos, durante uma hora, pela Rádio Classica Latina de Paris (emissão preparada e apresentada por Christian Fouillaude), fiz uma palestra sobre os 18 escritores brasileiros convidados para participar do Salão do Livro, dentro do Projeto França-Brasil (15 de março de 1987). São eles: Jorge Amado, Antônio Callado, Zélia Gattai, Ferreira Gullar, José Gui

lherme Merquior, Josué Montello, Raduan Nassar, Antônio Olinto, Nélida Piñon, Affonso Romano de Sant'Anna, José Rubem Fonseca, Napoleão Saboya, Herberto Sales, Silviano Santiago, Lygia Fagundes Telles, Antônio Torres, João Ubaldo Ribeiro e Edla van Steen.

10. Mediei os debates sobre o tema "Tendances actuelles de la littérature brésilienne", com esses dezoito escritores brasileiros, no dia 20 de março de 1987, no Grande Anfiteatro da Sorbonne.

11. Fiz uma palestra sobre as Relações do teatro francês e brasileiro, no dia 6 de abril de 1987, no Clube UNESCO do Liceu Internacional de Saint Germain en Laye.

12. Participei de um debate, junto com o diretor Antunes Filho, sobre a encenação de A Hora e Vez de Augusto Matraga, baseada no conto de Guimarães Rosa (coordenação de Jacques Thiériot), no dia 6 de abril de 1987, no Centre National de Lettres de Paris.

13. Participei no dia 26 de maio de 1987, em Paris, do "Colloque Portugal Brésil France - Histoire et Culture", promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, apresentando um trabalho denominado "Portugal, France, Brésil: perspectives du théâtre brésilien actuel" (a comunicação será publicada nos Anais

do Colóquio).

14. Participei de uma mesa-redonda, com Fernando Peixoto, diretor do Serviço Brasileiro de Teatro, no Festival de Teatro Universitário de Blumenau, discorrendo sobre problemas do teatro brasileiro e especificamente sobre questões de repertório, no dia 28 de julho de 1987.

15. Coordenei, junto com Décio de Almeida Prado, o I Seminário de Crítica Teatral, realizado de 21 a 23 de setembro de 1987, no Teatro Eugênio Kusnet de São Paulo, sob os auspícios do INACEN e do CENACEN. Fui o relator do tema "Os princípios da crítica" (a visão de quem faz)", no dia 22.

Bancas examinadoras

Até a Adjunção

Participei da banca examinadora do concurso de habilitação à livre-docência de Literatura Portuguesa, ao qual se candidatou o professor Fernando Manuel de Mendonça, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, em 1968.

Participei da banca examinadora do concurso de habilitação à livre docência de Teoria do Teatro, ao qual se candidatou o professor Jacob Guinsburg, na Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1985.

Participei da banca examinadora dos seguin

tes doutorados, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP:

1. Victor Knoll, em 30 de julho de 1975.
2. Timochenco Wehbi, em 12 de março de 1980.
3. Vera Lúcia Gonçalves Felício, em 15 de dezembro de 1980.
4. Irene Teodora Helena Aron, em 18 de março de 1981.
5. Hercília Tavares de Miranda Telles Pereira, em 23 de junho de 1981.
6. José Teixeira Coelho Netto, em 10 de agosto de 1981.
7. Vilma Sant'Anna Arêas, em 21 de agosto de 1984.
8. Mário Guidarini, em 29 de março de 1985.

Participei, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, da banca examinadora do doutorado de Letizia Zini, em 1973.

Presidi na ECA a banca examinadora do doutorado de Renata Pallottini, minha orientanda, em 24 de agosto de 1982.

Participei, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, da banca examinadora

das seguintes dissertações de Mestrado:

1. Guilherme Ferreira da Silva, em 26 de dezembro de 1972.
2. Mário Guidarini, em 27 de fevereiro de 1980.
3. Reni Chaves Cardoso, de que fui co-orientador, junto com o professor Boris Schnaiderman, em 18 de agosto de 1980.
4. Urias Corrêa Arantes, em 25 de maio de 1981.
5. Cláudia de Arruda Campos, em 21 de maio de 1983.

Participei, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, da banca examinadora da Dissertação de Mestrado de Victor Hugo Adler Pereira, em 7 de julho de 1981.

Presidi a comissão julgadora das seguintes dissertações de Mestrado, na Escola de Comunicações e Artes da USP:

1. Eudinyr Fraga, em 9 de fevereiro de 1981.
2. Reynuncio Napoleão de Lima, em 30 de abril de 1981.
3. Ingrid Dormien Koudela, em 15 de fevereiro de 1982.

4. Celso Nunes, em 13 de maio de 1982.
5. Tereza Pais L. Ribeiro de Queiroz Guimaraes, em 31 de agosto de 1982.
6. Alberto Guzik, em 21 de setembro de 1982.
7. Sakae Murakami Giroux, em 2 de dezembro de 1982.
8. Carmelinda Soares Guimaraes, em 15 de abril de 1983.
9. Beatriz Ângela Cabral Vaz, em 11 de de zembro de 1984.

Participei da banca examinadora das seguintes dissertações de Mestrado, na Escola de Comunicações e Artes da USP:

1. Marilda de Vasconcellos Rebouças, em 24 de setembro de 1984.
2. Luiz Maurício Britto Carvalheira, em 20 de dezembro de 1984.
3. Maria Augusta Toledo, em 28 de maio de 1985.

Participei da banca examinadora da dissertação de Mestrado de Glauco De Divittis, na Faculda de de Educação da USP, em 26 de novembro de 1982.

Participei da banca examinadora da dissertação de Mestrado de Dionéia Mancuso, no Instituto

Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo, em 13 de abril de 1984.

Presidi a comissão examinadora do exame geral de Qualificação dos seguintes candidatos, na Escola de Comunicações e Artes da USP:

1. Ingrid Dormien Koudela, em 11 de agosto de 1980.
2. Beatriz Ângela Cabral Vaz, em 15 de setembro de 1980.
3. Reynuncio Napoleão de Lima, em 27 de outubro de 1980.
4. Eudinyr Fraga, em 29 de outubro de 1980.
5. Tereza Paes Ribeiro de Queiroz Guimarães, em 10 de dezembro de 1980.
6. Sakae Murakami, em 23 de março de 1981.
7. Alberto Guzik, em 22 de dezembro de 1981.
8. Carmelinda Soares Guimarães, em 15 de dezembro de 1982.

Participei, na Escola de Comunicações e Artes da USP, da comissão examinadora do exame geral de Qualificação dos seguintes candidatos ao Mestrado:

1. Alcides João de Barros, em 29 de junho de 1978.
2. Amália Zeitel, em 29 de março de 1979.
3. Elza Cunha de Vincenzo, em 18 de outu-

bro de 1979.

4. Armando Sérgio da Silva, em 14 de dezembro de 1979.

5. Sandra Chacra, em 21 de dezembro de 1981.

6. Marilda Vasconcellos Rebouças, em 25 de abril de 1983.

Participei, na Escola de Comunicações e Artes da USP, do exame de qualificação para o Doutorado de Alcides João de Barros, em 20 de fevereiro de 1984.

Após a Adjunção

1. Participei da banca examinadora da tese de Doutorado (no novo regime francês) de Ângela Leite Lopes, defendida em 17 de dezembro de 1985, na U. E. R. de Filosofia da Universidade de Paris I;

2. Participei da banca examinadora da tese de Doutorado de Estado (no antigo regime) de Mário Carelli, defendida em 18 de abril de 1986, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Paris III;

3. Participei da banca examinadora da tese de Doutorado do terceiro ciclo (no antigo regime) de Rachel Uziel, defendida em 13 de junho de 1986, na Universidade de Paris III;

4. Participei da banca examinadora do exame de Qualificação para o Doutorado de Armando

Sérgio da Silva, no Departamento de Artes Cênicas, em 11 de agosto de 1986;

5. Participei da banca examinadora da tese de Doutorado (no novo regime) de Yvonne da Silva Ramos Maya, defendida em 17 de novembro de 1986, na U. E. R. de Literatura Geral e Comparada da Universidade de Paris III;

6. Participei da banca de Qualificação da candidata ao Mestrado Sílvia Fernandes da Silva Telesi, no Departamento de Artes Cênicas, em 24 de agosto de 1987;

7. Participei da banca de Qualificação do candidato ao Mestrado Juvenal de Souza Neto, no Departamento de Artes Cênicas, em 13 de novembro de 1987;

8. Participei da banca examinadora da tese de Doutorado do professor Fausto Fuser, defendida na Escola de Comunicações e Artes da USP, em 14 de dezembro de 1987.

Orientação

Acham-se atualmente sob minha orientação, na Escola de Comunicações e Artes da USP, os seguintes candidatos:

Mestrado

1. Adamilton Andreucci Torres

2. Adelson Roland Bulsonaro
3. Antônio Edson Cadengue
4. Paulo Roberto Vieira de Melo
5. Umberto Hugo Villavicencio Garcia
6. Gilberto Razuk Piragine.

Doutorado

1. Celso Nunes
2. Eudinyr Fraga
3. Reynuncio Napoleão de Lima
4. Noemia Davidovich Fryszman.

Co-orientei, juntamente com o professor Jean-Pierre Ryngaert, no Instituto de Estudos Teatrais da Universidade de Paris III, a tese de Doutorado (no novo regime) da candidata Maria Heloísa Pereira Toledo Machado, que a defenderá no princípio de 1988.

Fiz a orientação inicial das teses de Doutorado dos candidatos Patrícia Rangel Lima e Walmiro Canejo, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Paris III.

IX - Desempenho de atividades científicas, técnicas e culturais

1. Propus, junto com o cenógrafo Aldo Calvo, a Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente da Fundação Bienal de São Paulo, a criação da Bienal de Artes Plásticas de Teatro, no quadro das Bienais. Redigi o regulamento do certame, compreendendo Cenografia, Indumentária, Arquitetura e Técnica Teatrais. Tornei-me membro da Comissão Executiva do certame, convertida depois em Comissão Consultiva. Em viagens ao Exterior, era credenciado para tomar iniciativas a propósito da participação estrangeira. Redigi o convênio que transformou a Bienal em Quadrienal, juntamente com a de Praga.

Fui eleito membro do Conselho Consultivo da Fundação Bienal de São Paulo, em 1962, e conselheiro vitalício da Fundação, em 1968.

2. Participei de várias diretorias da Associação Paulista de Críticos Teatrais e fui, duas vezes, seu presidente, em 1959 e 1960. Era membro da diretoria que propôs ao Governo do Estado, em 1956, a criação da Comissão Estadual de Teatro. Hoje sou membro do Conselho Fiscal da Associação Paulista de Críticos de Artes, em que se transformou a entidade.

3. Representei o Centro Brasileiro do Instituto Internacional de Teatro na II Conferência do Instituto Latino-Americano de Teatro, realizada em Lima, de 17 a 19 de abril de 1963.

4. Fui membro da Comissão Municipal de Teatro de São Paulo, em 1956 e 1957.

5. Fui, duas vezes, membro da Comissão Estadual de Teatro. A primeira, em 1958, e a segunda, na gestão iniciada em 1969. Por proposta minha, a CET passou a conceder a metade de seus subsídios para a montagem de textos brasileiros.

6. Fui o primeiro representante do Serviço Nacional de Teatro em São Paulo, na gestão de Edmundo Moniz. Nessa qualidade, consegui que um terço das verbas se destinasse aos elencos paulistas, quando, anteriormente, eles eram ignorados. Fui mantido na administração Clóvis Garcia, em 1961, exonerando-me a seguir.

7. Fui secretário municipal de Cultura de São Paulo de 16 de abril de 1975 a 13 de julho de 1979, na administração Olavo Egydio Setubal. No campo ligado à disciplina em que estou prestando concurso, julgo atividade mais significativa, além da reforma dos Teatros João Caetano (Vila Clementino), Arthur Azevedo (Mooca) e Paulo Eiró (Santo Amaro), do-

tando-os de melhores recursos técnicos, a criação, por lei, do Departamento de Informação e Documentação Artísticas (IDART), projeto da administração anterior, sobre o qual havia sido consultado. Pesquisadores do Departamento fizeram numerosos trabalhos relativos ao Teatro em São Paulo, do qual resultaram várias publicações, e existe em seu arquivo precioso material documentário de cada temporada, tendo sido adquirido, inclusive, todo o acervo fotográfico de Freddy Kleeman sobre o Teatro Brasileiro de Comédia e outros conjuntos.

8. Fui membro do Conselho Federal de Cultura desde abril de 1975, tendo sido reconduzido, em maio de 1981, para novo período de seis anos. No Conselho, além de dar numerosos pareceres submetidos à Câmara de Artes, à qual pertenci, e de fazer pronunciamentos sobre assuntos diversos, fui o autor de um parecer, aprovado, contra a criação da Censura cultural no País, e de outro, contra a transferência da Censura para o Ministério da Educação e Cultura e o endurecimento das normas censórias. Licenciiei-me em outubro de 1985, em virtude da viagem a Paris, tendo meu segundo e último mandato legal expirado em maio de 1987.

9. Fui membro do Conselho da Coleção Deba-

tes da Editora Perspectiva, até o seu encerramento, em 1977.

10. Fui vice-presidente do Centro Brasileiro do Instituto Internacional de Teatro, filiado à UNESCO.

11. Fiz cerca de doze comentários sobre espetáculos teatrais no Jornal Hoje, da TV Globo, em 1980.

12. Fui membro do Conselho de Curadores da Fundação Padre Anchieta, de maio de 1975 a fevereiro de 1980.

13. Fui perito judicial em três ações no Foro de São Paulo: a) uma, na ação movida pela Prefeitura Municipal de São Paulo contra Trama-Serviços Especiais S/C Limitada, sobre o espetáculo Falso Brillante, apresentado por Elis Regina (meu parecer fundamentou a decisão do Tribunal de Justiça, por unanimidade); b) a segunda, na ação anulatória de débito fiscal que Difusão Sociedade Civil Limitada propôs contra a Municipalidade de São Paulo; c) e a terceira, na execução da Prefeitura de São Paulo contra o empresário Roberto Colossi.

14. Participei do júri dos Prêmios Saci de Teatro, concedidos pelo jornal O Estado de S. Paulo, e votava regularmente nos prêmios teatrais da Associa

ção Paulista de Críticos de Artes, do Serviço Nacional de Teatro (ora Serviço Brasileiro de Teatro da Fundação Nacional de Artes Cênicas) e Molière, da Air France.

15. Fui membro do Conselho Pedagógico Internacional da Cité des Théâtres, que se organizou em Paris, em 1982, mas não teve continuidade.

16. A convite do Nouveau Théâtre de la Méditerranée, participei, em junho de 1982, das Rencontres Nord-Sud Culture, desdobradas nas cidades de Béziers, Montpellier e Arles, durante dez dias. Fui o expositor da reunião sobre o problema do Imperialismo cultural e os participantes me escolheram para fazer o relatório verbal das conclusões do Encontro ao então ministro da Cultura da França, Senhor Jack Lang.

17. Fui membro do júri do Prêmio Nacional de Monografias do Instituto Nacional de Artes Cênicas, relativo ao ano de 1984.

18. Fui eleito, em 29 de fevereiro de 1984, presidente da Comissão de Arte e Cultura da Fundação Bienal de São Paulo, afastando-me da função ao viajar para a França.

19. Fui eleito conselheiro da Fundação Cinemateca Brasileira, em 1984.

20. Fui o representante dos livre-docentes

no Conselho Departamental do Departamento de Teatro, Cinema, Rádio e Televisão, e eleito suplente dos livre-docentes na Congregação da Escola de Comunicações e Artes, até a viagem à Europa. Atualmente, sou membro do Conselho Departamental do Departamento de Artes Cênicas.

21. Tenho dado pareceres em pedidos de bolsas para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

22. Participei do I Encontro Nacional de Política Cultural (iniciativa do Forum Nacional dos Secretários de Estado da Cultura), realizado em Belo Horizonte, em 1984, com uma comunicação intitulada "Preservação da memória e estímulo ao teatro".

23. Fui relator da primeira sessão do Simpósio Nacional sobre Legislação Cultural - Institucionalização e Descentralização da Produção Cultural, realizada na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, em 1984.

24. Fui convidado, em 1987, para ser conselheiro do Instituto Cultural Brasil-Israel.

X - Diplomas ou outras digni-
dades universitárias

A realização abaixo não se prende, especi-
ficamente, ao campo universitário, mas à comunidade
cultural. Daí mencioná-la.

1. Recebi a Medalha de Ouro da Associação
Paulista de Críticos Teatrais como Personalidade Tea-
tral de 1962.

2. Recebi o primeiro prêmio concedido pe-
lo Circolo Italiano de São Paulo, em 1962.

3. Recebi duas vezes o Prêmio Jabuti de
Teatro da Câmara Brasileira do Livro, em 1963 e 1965,
respectivamente pela publicação de Temas da História
do Teatro e Aspectos da Dramaturgia Moderna, e Inicia-
ção ao Teatro.

4. Fui paraninfo da turma formada pela Es-
cola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, em
1965.

5. Recebi as insígnias de Chevalier des Arts
et Lettres do Governo Francês, em 1967.

6. Fui paraninfo do Curso de Teatro promo-
vido pelo Serviço Social do Comércio, em 1970.

7. Recebi a Medalha do Mérito Literário,
na categoria Teatro, do P.E.N. Clube de São Paulo,

em 1972.

8. Recebi o Prêmio Especial de Teatro da Associação Paulista de Críticos de Artes, em 1972.

9. Recebi o diploma de "Amigo do Livro", concedido pela Câmara Brasileira do Livro, em 1976.

10. Recebi o Grande Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes, em 1976.

11. Recebi o Prêmio de Personalidade das Artes Plásticas, da Associação Paulista de Críticos de Artes, em 1976.

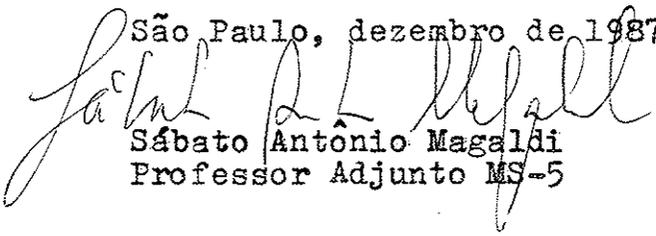
12. Recebi o Prêmio Molière (Especial) da Air France, em 1976.

13. Recebi as insígnias de Chevalier de l'Ordre National du Mérite, do Governo Francês, em 1979.

14. Fui agraciado com a Medalha de Honra da Inconfidência, pelo Governo de Minas Gerais, em 1982.

15. Fui eleito sócio titular do P.E.N. Clube do Rio de Janeiro, em 1983, tendo tomado posse em 10 de maio de 1984.

São Paulo, dezembro de 1987


Sabato Antônio Magaldi
Professor Adjunto MS-5

INDICE

	Dados pessoais	1
I	Ponderações	2
II	Formação	26
	Após a Adjunção	29
III	Carreira de ensino	31
	Após a Adjunção	32
IV	Trabalhos de pesquisa	33
	Após a Adjunção	36
V	Títulos da carreira universitária	37
VI	Atividades de criação, organização, orientação e desenvolvimento de cen- tros ou núcleos de ensino e pesquisa	40
VII	Publicações didáticas e trabalhos de divulgação científica	43
	Após a Adjunção	55
VIII	Atividades didáticas	59
	Graduação	59
	Pós-Graduação	60
	Após a Adjunção	61
	Conferências	63
	Após a Adjunção	74
	Bancas examinadoras	78
	Após a Adjunção	83
	Orientação	84

	Mestrado	84
	Doutorado	85
IX	Desempenho de atividades científicas, técnicas e culturais	86
X	Diplomas ou outras dignidades universitárias	92